

# **Cortejos e Trajetórias contra-hegemônicas: o processo de renovação da inscrição do Kola San Jon de Cova da Moura no Inventário Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial, em Lisboa-Portugal. <sup>1</sup>**

*Alcides José Delgado Lopes*

*Colegiado de Antropologia-UNIVASF/Piauí*

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE/Pernambuco*

*alcides.lopes@univasf.edu.br*

## **RESUMO**

Este trabalho aprofunda o debate sobre festividades cabo-verdianas praticadas, inicialmente, por trabalhadores migrantes e descendentes, na diáspora transnacional africana em Lisboa, Portugal, desde a década de 1990. Recortamos as histórias do emblemático Bairro Cova da Moura, em Amadora; da Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ); do processo de inscrição das festas de Kola San Jon no Inventário Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial (INPCI, 2013); e da recente renovação da inscrição do Kola San Jon de Cova da Moura no INPCI, em Portugal (2025). No contexto neoliberal contemporâneo, o nosso principal argumento avalia o uso público do espaço urbano, as modalidades e as consequências da sua apropriação para a vida social. A análise se fundamenta em pesquisa etnográfica realizada em Lisboa entre 2017 e 2019, assim como em resultados deste processo e eventos posteriores. Focamos na festividade enquanto prática cultural, que ressignifica processos sociais, e dispositivo identitário estratégico, que reivindica a visibilidade da comunidade. Para além da organização anual da festa e do cortejo de Kola San Jon no bairro, existe uma agenda de atividades externa que disputa junto à sociedade civil, a valorização do lugar – Cova da Moura – na Área Metropolitana de Lisboa. Abordamos estes aspetos por razões históricas e justificamos a partir de três perspectivas diferentes. Primeiramente, consideramos as condições da adesão de Portugal à Comunidade Econômica Europeia (CEE) em 1986 e a sua integração econômica na União Europeia (UE) em 1996. Em segundo lugar, reconhecemos a trajetória de luta e resistência do Bairro Cova da Moura, da sua população, das suas associações, como a ACMJ, especialmente durante as décadas de 1990 e 2000. Por último, e mais importante, demonstramos como a mobilização coletiva das tradições africanas de resiliência, através da música, da dança, culinária e práticas do cuidado, não só proporciona diversas formas vernaculares locais de conhecimento e interações, mas também possibilita novas e revolucionárias formas de uma cosmopolítica da hospitalidade praticada entre diferentes grupos de migrantes, cidadãos e nacionais em ambientes diaspóricos. Sob a ótica de Lefebvre, no que tange o direito à cidade, consideramos o mundo contemporâneo, os conflitos culturais e os “novos” racismos, e refletimos sobre esta prática comprometida com estratégias de mobilização e agências que fomentam um processo de resiliência no qual se manifestam formas de resistência, diversos modos de performance da identidade e de racionalidade das práticas culturais.

Palavras-chave: *tradições de resiliência, racionalidade das práticas culturais, cosmopolítica da hospitalidade, práticas do cuidado.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

## **Um bairro na colina**

O bairro Alto da Cova da Moura, localizado na atual área administrativa da freguesia de Águas Livres, no município da Amadora, inscrito na área metropolitana de Lisboa (AML), Portugal, é protagonista de uma importante página da história recente das comunidades africanas na Europa. Refiro-me, eventualmente, a ‘um virar de página’ não tão breve quando esta, de papel, mas, morosa e cheia de camadas e entremeados quando seu texto é feito de lutas constantes, resistências, negociações e adaptações que resultam em formas vernaculares de resiliência nas tradições da diáspora africana da grande Lisboa (Lopes e Carolino, 2020).

O *timing* deste ‘virar de página’ compreende desde as condições de integração de Portugal na CEE a partir do final da década de 1980, passando pelos multiculturalismos e interculturalidades das criolidades e criolizações dos anos 1990 (Almeida 2000; Fikes, 2009) pelos processos da mobilidade globalizada, gentrificação e especulação imobiliária das primeiras duas décadas do século XXI, até os desafios de caráter fascista mais contemporâneos, o Brexit, as novas tendências e políticas globais e locais da (i)mobilidade e restrições de várias [des]ordens (Lopes, 2020).

Portanto, o território do bairro atravessa uma colina que integra o complexo vulcânico de Lisboa abrangendo uma área de 16,3 hectares quadrados. A vertente ao Sul forma um pequeno planalto de boa exposição e nas áreas Norte e Leste nos deparamos com inclinações acentuadas (CMA, 1983, p. 5; Horta, 2000, p. 146). Ao citar o jornalista Jorge Fernandes (2016) em Lopes (2020, pág. 53) aprendo que já houve um tempo em que Cova da Moura se situava no enclave das antigas freguesias da Buraca e da Damaia, e pertencia à Câmara Municipal de Oeiras. Atualmente, estas três zonas, mais a parte sul da antiga Freguesia de Reboleira estão integradas em uma única área administrativa: a Freguesia de Águas Livres (Fernandes, 2016, p. 25), Município da Amadora. Assim, Cova da Moura fica a uma distância de 15 quilômetros de Lisboa, com ‘fácil’ acesso aos transportes públicos (comboio [trem] e ônibus), como também às principais autoestradas e rodovias que cruzam os arredores (Horta, 2000, p. 146).

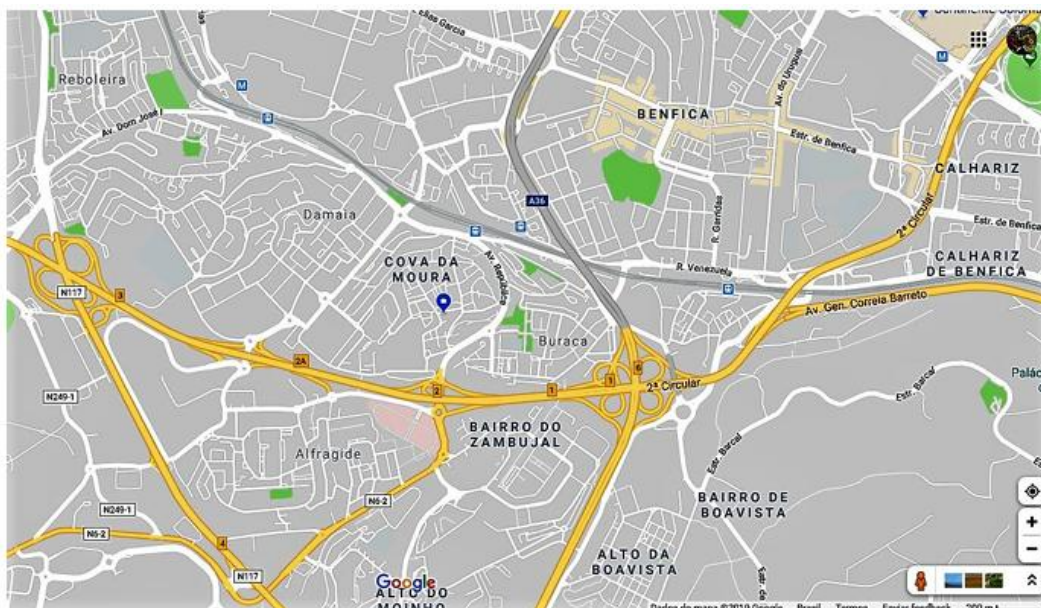


Figura 1. Mapa que mostra a localização do bairro Alto da Cova da Moura, no Município da Amadora, entre Buraca e Damaia. Os mapas foram adaptados do Google Maps em 17/07/2019.

### **“A Ilha da Cova da Moura”: uma história de segregação, *ravidansa* e sinergia**

O bairro Cova da Moura é representado historicamente como um *enclave migrante* africano em território metropolitano, expressão que, segundo a antropóloga portuguesa Júlia Carolino, sublinha a morfologia e gênese distintas em relação ao tecido urbano envolvente, bem como a segregação socioespacial dos que ali residem (Lopes e Carolino, 2020, pág. 179).



Figura 2. O Bairro da Cova da Moura e a sua envolvente. Adaptado de Lopes e Carolino (2020).

A origem do bairro nos remete a ocupação de terras agrícolas ociosas, consequência de contextos de crise habitacional severa. Neste processo, famílias originárias de países africanos anteriormente colonizados por Portugal, com destaque para Cabo Verde, são Tomé e Príncipe e Angola e do interior rural português, construíram suas habitações próprias, na sua maioria, alojamentos unifamiliares de alvenaria que garantiam condições razoáveis de habitabilidade (Antunes, 2017, pág. 30 citado em Lopes, 2020, pág. 55), o que gerou, em parte da sociedade portuguesa, um olhar reprovador e nos acadêmicos, em geral, interpretações racializantes.

O “Relatório da Cova da Moura” (CMA, 1983) invoca a legislação oficial da época para classificar o bairro como “duplamente ilegal”, por ser resultado de uma “invasão” de terras privadas e do Estado e porque ao ambiente construído nunca foi emitido licenças de construção nem escrituras. Horta (2000), por sua vez, classifica o bairro não apenas como duplamente ilegal, mas, igualmente, *exterior* à realidade lisboeta e portuguesa. Miguel Vale de Almeida (2000), nos recorda que este tipo de racialização associa-se a um imaginário dicotomizado de exotismo cultural, sendo uma característica quase emblemática da alteridade contra a qual os portugueses se constituem como povo (citado em Lopes e Carolino, 2020, p. 179).

Hoje, o bairro continua sendo retratado de forma difusa na comunicação social, de modo que parece existir para além da sua concretude, principalmente, como um *locus* cujos símbolos estão associados à violência, criminalidade e exotismo. A sua relação com a polícia continua truculenta, havendo casos mais recentes do que o famoso Caso da Esquadra de Alfragide <sup>2</sup>. Casos como o recente episódio que vitimou Odair Moniz, baleado e morto em 2024, continuam provocando denúncias de abusos e violência racial letal por parte da polícia contra seus moradores.

Não obstante o que foi exposto até agora, existem de fato outras vertentes e facetas concernentes à história do bairro, suas moradoras e seus moradores. As práticas do cuidado e as cosmopolíticas da hospitalidade e do acolhimento nas diversas abordagens, estratégias e agências do associativismo migrante. É precisamente em um ambiente de reivindicações contra a negação de direitos, arbitrariedades demarcadas por parte de agências políticas locais que a Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ)

---

<sup>2</sup> Caso Esquadra de Alfragide, disponível em: <https://www.publico.pt/caso-esquadra-de-alfragide>. Acesso em 30 de junho de 2026.

emerge como “fruto do acúmulo de trabalho do coletivo da população da Cova da Moura, realizado nos começos dos anos oitenta, tendo sido, oficialmente, constituída pelos moradores da Cova da Moura que de forma espontânea se uniram em torno de questões ligadas ao saneamento básico, no dia 01/11/1984”.

O Pedido de Renovação da Inscrição do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial em Portugal, tutelado pela ACMJ, caracteriza a associação a partir de uma perspectiva biográfica.

O relatório contou com a assessoria técnica voluntária do músico e antropólogo, professor efetivo da UNIVASF, professor permanente da Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, pesquisador em etnomusicologia, autor desta comunicação, Alcides Lopes e do ativista antirracista, educador social, rapper, teórico crítico e ex-coordenador do ACMJ, Flávio Zenun Almada, formado em Escrita Criativa e mestre em Estudos Internacionais.

O documento se estrutura a partir de diretrizes determinadas com o intuito de efetivar uma revisão do registro da manifestação cultural no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (INPCI).

Desta feita, a seção de caracterização biográfica da ACMJ enumera de forma sucinta a luta titânica, baseada nas modalidades vernaculares da racionalidade na experiência do dia a dia, empreendida pelos moradores do bairro de forma coletiva desde as primeiras mobilizações relativas à instalação de eletricidade e água encanada; construção de uma biblioteca infanto-juvenil e um centro de atividades de tempos livres (ATL), estratégia das mulheres do bairro, na sua maioria prestadoras de serviços domésticos e limpeza de escritórios que protagonizaram uma forma de ajuda mútua através das práticas do cuidado compartilhadas e da gerência das rotinas de educação e lazer das crianças e adolescentes que frequentam ou moram na comunidade.

Igualmente, aprendemos que em 1989, a ACMJ foi reconhecida como IPSS (Instituto de Previdência e Seguridade Social), o que favoreceu a construção de acordos de cooperação com o Centro Distrital de Lisboa do Instituto de Segurança Social. Em 1990, foi inaugurada a nova sede. As novas instalações facilitaram o crescimento e formas de atuação, adotando cursos de profissionalização, formação de animadores e mediadores socioculturais e a criação de um ambiente que estimulava a colaboração entre comunidade, família, escola e instituições. Em 1995, inaugura-se a Jardim de

Infância. Em 1998, a Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) reconhece a associação como Centro de Formação. Este percurso faz do Moinho pioneiro na elaboração de novos perfis profissionais como os de pessoa mediadora sociocultural e técnica da experiência. Nesta seara, o novo milénio viu a inauguração da Creche Familiar (2000); da creche “A Árvore” (2003); e o “PULO” onde as “Mães de Bairro” promovem a formação parental para quase uma centena de famílias.

A ACMJ defende um lema como missão, “um mundo melhor é possível se a gente quiser”, a partir de abordagens metodológicas que priorizam os estágios: “diagnosticar/refletir/agir”. Uma perspectiva que demanda interesse e vontade de compreender as relações coexistentes entre as diversas formas de corporeidade, as emoções, a cultura, os objetos, equipamentos e a natureza. Nesta perspectiva trabalha-se a delinquência como ausência de “link”. A adoção das 12 traves-mestras busca orientar a sua atuação: interculturalidade, cooperação, comunicação e diálogo, gênero, criatividade e solidariedade em uma perspectiva de empoderamento.

No âmbito da associação, as atividades são realizadas em tandem e considerando diversas valências no intuito de aprofundar metodologias, princípios, conceitos referentes a diferentes modalidades formativas, intelectuais e culturais. Para este fim, o Centro Tomkiewicz proporciona espaço e organização para debates, intercâmbios, trocas e negociações com uma diversidade de atores como universidades, secretarias, associações empresariais, câmaras de turismo, entre outros. Foram, igualmente, estas condições de interação que permitiram a realização da pesquisa sobre o grupo de Kola San Jon de Cova da Moura, por parte da etnomusicóloga Ana Flávia Miguel, quem esteve envolvida, ao lado da antropóloga Júlia Carolino, na construção do Inventário de Pedido de Patrimonialização (2013).

### **‘Kola San Jon’: uma forma resiliente das tradições africanas de resiliência na diáspora**

Compreendida no domínio das práticas sociais, na classe dos rituais e festejos populares, as festividades cíclicas de Kola San Jon são populares e se realizam no bairro Alto da Cova da Moura, por ocasião do dia de São João. Dito isto, é imprescindível afirmar que as atividades culturais sempre foram “uma das facetas importantes do trabalho desenvolvido pela ACMJ, constituindo a face mais visível de uma ação longa e transformadora, assente no quotidiano do Bairro da Cova da Moura” (ACMJ, 2025).

Portanto, as festas de Kola San Jon envolvem gastronomia, música, dança, palavra e artefatos, recriando, em contexto migrante, alguns aspetos da cultura cabo-verdiana, nomeadamente das festas que se realizam entre o dia 3 de maio (Santa Cruz) e o dia 29 de junho (São Pedro) nas ilhas de Barlavento (Santo Antão, São Vicente e São Nicolau). A dimensão territorial da prática do Kola San Jon de Cova da Moura, embora se origina a partir da freguesia de Águas Livres, do concelho da Amadora, distrito de Lisboa, é transnacional. E a sua periodicidade é cíclica (anual). A festividade sempre acontece no sábado/domingo mais próximo do dia 24 de junho, dia de São João.

Caracterizadas como um evento multiexpressivo, as festas de Kola San Jon de Cova da Moura contêm um elemento central, um cortejo, que envolve música instrumental (tambores e apitos, entre outros), música cantada, dança, palavra e artefatos (navio, bandeiras, imagem do santo, espada, ramo, traje, entre outros). Recria, em contexto diaspórico, alguns aspetos da tradição cultural cabo-verdiana (sobretudo nas ilhas do Barlavento), nomeadamente das festas que se realizam entre o dia 3 de maio (dia de Santa Cruz) e o dia 29 de junho (dia de São Pedro) e que atingem o seu momento mais importante na festa de São João.

Tal como o idioma kriolu cabo-verdiano varia de ilha em ilha pelo arquipélago, assim também os significados cuja multiplicidade pode ser observada nas diferentes dimensões performativas e expressivas, durante as festas de *Colá Son Jon* (Porto Novo – Santo Antão), *Kolá San Jon* (Ribeira de Julião – São Vicente), *Kola San Djon* (Praia Branca – São Nicolau), *Son Jonzin* (Ribeira das Patas-Santo Antão) etc. Uma característica fundamental às festas nas ilhas de Cabo Verde é a sua dimensão religiosa (que inclui, por exemplo, a realização de missas solenes matinais e vespertinas/noturnas, procissões nas quais atualmente se permitem os tambores e peregrinações, a exemplo da caminhada de 22 km que se realiza anualmente da zona de R<sup>a</sup> das Patas até a cidade do Porto Novo, durante a qual ocorre uma diversidade de *performances*, incluindo o “pagamento de promessas”. Rituais como batismos e casamentos acontecem com mais frequência durante os meses de maio e junho, tendo em vista a centralidade do Santo Antônio como santo casamenteiro e a forte presença de emigrantes em férias que retroalimentam os círculos familiares.

Em Cova da Moura, a preparação das festas é programada anualmente e as apresentações do grupo são instrumentalizadas a partir de uma disputa simbólica e resiliente sobre a identidade e o pertencimento ao bairro. Diversos elementos são

mobilizados durante as performances espontâneas de rua, nos palcos, nas festas populares, religiosas e datas festivas municipais em Portugal. Na perspectiva adotada em Lopes (2020), argumento que os rituais tradicionais deixaram de ser apenas celebrações anuais para se tornarem instrumentos políticos e pedagógicos de luta contra o racismo estrutural na Europa. Na tese de doutorado adoto conceitos como adriças e cabrestos para me referir metaforicamente à transição e à diáspora. As “adriças” (cabos usados em navios para içar velas) simbolizam fluxos migratórios oceânicos, enquanto “cabrestos” (cordas usadas para segurar ou conduzir animais) representam o controle social, a escravização de pessoas e a imposição da colonização, elementos este ressignificados na festividade.

Um dos eventos que dialogam com este processo foi abordado em Lopes e Carolino (2020). Tratam-se das Festas Populares de Lisboa como o dia de Santo Antônio na Cidade de Lisboa. A festa de Kola San Jon da Cova da Moura suscitou o convite para colaboração em filmes e documentários, nomeadamente o filme “Fados” (2007), do realizador espanhol Carlos Saura, e o documentário “Kolá San Jon: É festa di Kau Berdi” (2012), do realizador português Rui Simões.

Kola San Jon é uma manifestação cultural cabo-verdiana introduzida em Portugal por migrantes, sobretudo na comunidade do Alto da Cova da Moura, onde desempenha um papel fundamental na preservação da identidade cultural, no fortalecimento da memória coletiva e na construção de laços de pertença entre o país de origem e o de acolhimento. A expressão “Kola San Jon” relaciona-se tanto com a saudação a São João (Rodrigues, 1997) quanto com o ato da dança que une os corpos por meio da tradicional umbigada. Portanto, em Lopes (2017) argumento que “a questão não reside na dicotomia, mas sim na polissemia do termo. Colá abarca no seu significado um processo. Nos momentos iniciais da dança, ou em momentos de pausas intermitentes, Colá significa plenamente entoar em voz alta ou cantar versos improvisados. Em outros momentos de maior intensidade e euforia, embalados pelo reverberar dos tambores, Colá significa algo mais abrangente e completo. Colá é também o arfar dos corpos suados que se movem no mesmo ritmo e se tocam eroticamente, quase violento. Colá é também o êxtase da dança que é materializado em gritos de euforia, tambores e apitos” (pág. 94).

A preparação da festa inicia-se na primavera, sob a coordenação do Moinho, envolvendo reuniões, distribuição de tarefas, ensaios e mobilização de moradores e voluntários. O bairro é decorado para as festividades, realizam-se debates, oficinas e

exposições, e são organizados todos os elementos que compõem a celebração. No dia da festa, participantes preparam a katchupa na cozinha solidária do Moinho, ornamentam a imagem de São João, os navios alegóricos e os rosários, preparando o cortejo que percorre as ruas da comunidade ao som dos tambores, apitos e uma variedade de expressões orais e vocalizações que compreendem desde cantigas, dizeres, brincadeiras, fórmulas de cumprimento a saudações.

O cortejo é marcado pela dança do kolá, executada em pares ou grupos, pela presença dos navios alegóricos, da imagem do santo e por oferendas recolhidas durante o percurso. Embora mantenha referências religiosas, a celebração na Cova da Moura privilegia seu caráter cultural, comunitário e identitário. Ao final do cortejo, a comunidade partilha a tradicional Katchupa, reforçando valores de solidariedade, convivência e partilha. A festa reúne moradores, visitantes e representantes de diferentes nacionalidades, refletindo a diversidade cultural do bairro por meio das bandeiras dos países lusófonos que acompanham o cortejo.



Figura 3: O cortejo de Kola San Jon passa pela pracinha Eduardo Pontes em frente à Delegacia de Alfragide, junho de 2018. Foto: álbum do autor.

Realizado anualmente há mais de três décadas, Kola San Jon consolidou-se como uma importante referência da cultura cabo-verdiana na diáspora. Além da celebração local, o Grupo Kola San Jon participa regularmente de festivais, eventos culturais e apresentações em Portugal e no exterior, contribuindo para a divulgação e valorização deste património cultural. Ao longo do tempo, a manifestação passou de uma tradição

associada principalmente às ilhas de Santo Antão e São Vicente para uma expressão representativa da identidade cabo-verdiana e da própria comunidade da Cova da Moura, preservando suas tradições enquanto se adapta às dinâmicas culturais da diáspora.

### **CrITÉRIOS GenÉricos de Apreciação**

Os esforços mobilizados em torno do pedido de renovação da inscrição do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, demandaram que a proponente, a ACMJ, cumprisse um rol de critérios para além da caracterização do fenómeno desenvolvida até aqui. Assim, consta no pedido de revisão que “em conformidade com o disposto no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho foi materializada a inscrição da inventariação do Kola San Jon da Cova da Moura na base de dados de património imaterial de Portugal, oficialmente publicado no Diário da República Portuguesa em outubro de 2013. Na época a ACMJ, na qualidade de entidade responsável pela iniciativa, considerou ser relevante a inventariação da festa de Kola San Jon de acordo com os seguintes critérios genéricos de apreciação, constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do mesmo diploma. Transcorridos quase uma década da publicação da notícia da inscrição da Festa do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (PCI) a Associação Cultural Moinho da Juventude, na qualidade de entidade responsável pela iniciativa, vem requer a revisão ordinária da inventariação da festa de Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial com os seguintes critérios de revisão, disposto no artigo 8.º e constantes nos números 2 e 3 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.”

Após a devida identificação da associação e seus representantes, procedemos a um relato biográfico acompanhado de uma caracterização do bem cultural. Portanto, as festas de Kola San Jon de Cova da Moura estão classificadas no domínio das práticas sociais, rituais e festejos populares como categoria de festividades cíclicas. No contexto tipológico das festas populares, Kola San Jon é celebrada no contexto social entre os habitantes, no território do Bairro Alto da Cova da Moura, na freguesia de Águas Livres, concelho da Amadora, distrito de Lisboa, numa periodicidade anual.

Considerando o contexto de transmissão da prática, Kola San Jon teve sua primeira realização em 1984 e, desde 1991, passou a ser organizado anualmente pelo Grupo de Kola San Jon, sob a coordenação da Associação Moinho da Juventude (ACMJ).

Originalmente associado aos cabo-verdianos das ilhas de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau (*sampadjudos*), a celebração preserva tradições como a dança (*kola*), os toques de tambor, a construção dos navios alegóricos e a confecção dos rosários. Celebrada como uma manifestação inclusiva, reunindo participantes de todas as ilhas de Cabo Verde, de outros países e moradores da Cova da Moura, a festa se consolida como a principal festa do bairro e um importante símbolo de identidade, pertença e valorização da diversidade cultural.

A transmissão dos saberes ocorre principalmente por meio da oralidade e da participação prática nas atividades do grupo, envolvendo crianças, jovens e adultos. Os mais novos aprendem a tocar tambor, dançar, construir os navios e confeccionar os rosários acompanhando os mais velhos, garantindo a continuidade intergeracional da tradição. Além das apresentações anuais, o grupo participa de oficinas e eventos culturais, ampliando a divulgação do Kola San Jon. A tradição também incorpora inovações, como a construção de um navio desmontável, pelo artesão Tito Duarte, para facilitar o transporte em viagens internacionais, demonstrando a capacidade de adaptação sem perder suas características culturais essenciais. Dessa forma, o Kola San Jon permanece como um importante património cultural da diáspora cabo-verdiana, fortalecendo a memória coletiva e o pertencimento comunitário.

Jovens participam no Kola San Jon através do seu envolvimento ativo na festa do bairro, nas reuniões do “grupo de Kola San Jon” e nas viagens do grupo para participação em eventos diversificados. Existe um trabalho de sensibilização para o Kola San Jon desenvolvido no âmbito das atividades quotidianas da ACMJ, com destaque para a constituição do grupo “Kolinha”, um grupo infantil de Kola San Jon, no Jardim de Infância. Este grupo está munido do seu próprio navio, construído com as crianças na carpintaria da associação em 2008, e participa na festa anual.

Kola San Jon continua a ser transmitido principalmente pelos moradores do Alto da Cova da Moura, sobretudo por cabo-verdianos originários das ilhas de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, sob a coordenação da Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ). Ao longo dos anos, ocorreram mudanças naturais entre os principais detentores da tradição, como a substituição de António Rosário (Sr. Lela), antigo líder da roda de tamboreiros, por Teodoro Ribeiro, atual coordenador da toca de tambores. Apesar do afastamento de Lela por motivos de saúde, sua família permanece ativamente

envolvida nas atividades do grupo, demonstrando a continuidade da transmissão intergeracional.

A ACMJ desempenha um papel fundamental na organização da festa, na mobilização comunitária, na captação de recursos e na articulação de apresentações e viagens, garantindo a continuidade da manifestação. O grupo mantém uma agenda anual de atividades culturais dentro e fora do bairro, fortalecendo a visibilidade do Kola San Jon e promovendo sua salvaguarda. O cortejo continua a percorrer as ruas da Cova da Moura, celebrando a memória dos seus fundadores e reforçando os laços de identidade e pertença da comunidade.

Na perspectiva do património associado foram avaliadas as categorias do património cultural móvel, imóvel, natural associado e os estudos, metodologias e programas. Neste sentido, avaliamos que Kola San Jon incorpora diversos artefatos tradicionais fundamentais para a realização da festa, destacando-se o navio, símbolo central do cortejo, cuja construção preserva técnicas tradicionais, mas também incorpora inovações, como o modelo desmontável criado por Tito Duarte. Os tambores, essenciais para a execução da *toka*, são produzidos artesanalmente pelos próprios tamboreiros, conciliando materiais tradicionais e modernos, como peles sintéticas. Os rosários, confeccionados principalmente pelas mulheres, adornam os participantes, os navios e a imagem de São João, sendo renovados a cada edição da festa. Outro elemento importante é o ramo de São João, decorado com alimentos, flores e rosários, simbolizando a abundância, a partilha e o espírito festivo da celebração.

Kola San Jon está profundamente ligado à história e à formação do bairro da Cova da Moura, construído com base na solidariedade comunitária e na prática da *Djunta Mon* (entreajudá). A manifestação fortalece o sentimento de pertença e identidade coletiva dos moradores, refletindo os valores de cooperação e resistência da comunidade. As associações locais, especialmente a Associação Cultural Moinho da Juventude, desempenham um papel essencial na preservação e promoção desta tradição cultural. Assim, o Kola San Jon constitui um importante património cultural imaterial, representando a memória, a identidade e a coesão social da comunidade cabo-verdiana na diáspora.

A ACMJ fortalece a salvaguarda do Kola San Jon por meio de ações educativas e culturais, promovendo a participação de crianças e jovens em iniciativas como o

Kolinha, oficinas de tambor, publicações e atividades de valorização do património. O reconhecimento público da manifestação tem contribuído para fortalecer a autoestima da comunidade cabo-verdiana e ampliar o diálogo intercultural, atraindo visitantes de Portugal e do exterior. O Kola San Jon tornou-se um importante instrumento de inclusão social, valorização da diversidade cultural e combate à segregação, consolidando-se como um espaço de convivência entre diferentes culturas. Além da realização anual da festa, o grupo expandiu a sua projeção através de apresentações em eventos nacionais e internacionais, como as Festas de Lisboa, o Festival de Luxemburgo e o Rock in Rio.



Figura 4: o grupo de Kola San Jon de Cova da Moura invade e contagia a festa de Santo Antônio de Lisboa. Largo do Rossio. Foto: álbum do autor.

No que tange os riscos e principal ameaça ao Kola San Jon, consideramos a pressão imobiliária e os processos de gentrificação que colocam em risco a permanência da comunidade da Cova da Moura, espaço essencial para a realização e transmissão desta manifestação cultural. A eventual demolição ou transformação do bairro comprometeria as redes de sociabilidade, os saberes e as práticas que sustentam a festa. Somam-se a esse cenário o envelhecimento dos tamboreiros, o risco de perda de conhecimentos tradicionais e as dificuldades financeiras enfrentadas pelos membros do grupo. A precariedade econômica e a emigração de famílias também reduzem a participação das novas gerações, dificultando a continuidade da transmissão intergeracional do Kola San Jon. Entretanto, como podemos conferir no relatório supramencionado, as recomendações para as ações de salvaguarda do Kola San Jon, para a próxima década, estão bem fundamentadas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Miguel V. *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política de Identidade*. Oeiras-Portugal: Celta Editora. 2000.
- CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA. Relatório da Cova da Moura, Serviços de Planeamento Urbanístico e Serviços Municipais de Habitação. CMA. 1983.
- FERNANDES, Jorge H. R. *Bairro Alto da Cova da Moura nos títulos de imprensa*. Lisboa-Portugal: Edição Jorge Humberto. Europress, Indústrias Gráficas. 2016.
- FIKES, Keshia. *Managing African Portugal: The Citizen-Migrant Distinction*. Durham e Londres: Duke University Press. 2009.
- HORTA, Ana P. B. *Constructing Otherness: nationhood and Immigration Politics in Portuguese Post-Colonial Society*. Ph. D. Thesis. 2000. Ottawa. Department of Sociology and Anthropology – Simon Fraser University. 2000.
- LOPES, Alcides José Delgado. *Os Tamboreiros da Ilha das Montanhas: música e sociabilidade no Colá San Jon de Porto Novo*. Praia – Cabo Verde. Editora Pedro Cardoso Livraria. 2017.
- LOPES, A., & Carolino, J. Formas Resilientes da Tradição na Diáspora Africana em Lisboa: Kola San Jon e o Direito à Cidade. *Finisterra*, 173-188. 2020.
- LOPES, Alcides José Delgado. *Sobre adriças e cabrestos: o Kola San Jon de Cova da Moura e as formas resilientes da tradição na diáspora africana em Lisboa-Portugal*. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- ACMJ. RELATÓRIO: *Renovação da inscrição do Kola San Jon no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial*. Associação Cultural Moinho da Juventude NIF: 501837825 Morada: Travessa do Outeiro, nº1 - Alto Cova da Moura Código Postal: 2610-202 Águas Livres. 2025.
- RODRIGUES, Moacyr. *Cabo Verde-Festas de Romaria-Festas Juninas*. Mindelo-Cabo Verde: Ed. Autor Largo John Miller. 1997.